

17/7/97
1703
A-12

Gaiger pede demissão da Funai e ataca governo

Luis Eduardo Leal
de Brasília

O presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Júlio Gaiger, entregou ontem o cargo ao ministro da Justiça, Íris Rezende, alegando que o governo não vem se empenhando na implementação da política indigenista. Gaiger diz ainda ter-lhe faltado apoio político para que pudesse levar adiante a reformulação administrativa do órgão. O pedido de demissão foi aceito por Rezende, que ainda não definiu o nome do substituto. É a terceira mudança na presidência da Funai desde que o presidente Fernando Henrique Cardoso assumiu, em 95.

"Ressinto-me, na Funai, juntamente com meus colaboradores, da ausência de decisões estratégicas que escapam do nosso alcance", escreveu Gaiger em sua carta de demissão. Em entrevista, o ex-presidente disse que vinha sofrendo "pressões" de índios xavantes, de funcionários da Funai e de grupos políticos vinculados aos índios e aos servidores, que, na sua opinião, intencionavam desestabilizá-lo para que não pudesse reformular o órgão.

Geiger disse que faltou uma declaração firme de apoio a seu trabalho, como Fernando Henrique fez em defesa do ministro da Reforma Agrária, Raul Jungmann, quando o Movimento dos Sem-Terra (MST) pediu sua demissão, na chegada da marcha dos sem-terra a Brasília, em abril. Segundo Geiger, a situação na Funai era muito parecida, porque desde outubro os índios xavantes pediam sua demissão.

A Funai tem 3.500 funcionários, dos quais apenas 12% com nível superior - Gaiger considera que o órgão não será operacional enquanto não atingir um percentual de 20% de servidores graduados. "Pretendia enxugar bastante os níveis intermediários e, um pouco, os níveis auxiliares", diz. Ele alega também que o governo tem dado ênfase à demarcação de terras indígenas, perdendo de vista a necessidade de também apoiar as aldeias por meio do financiamento à educação e a projetos de subsistência agrícola.

Durante sua gestão, Gaiger enfrentou a oposição de grupos indígenas, que reiteradas vezes pediram sua demissão ao então ministro da Justiça, Nelson Jobim, que o manteve no cargo - em uma ocasião, o ex-presidente da Funai chegou a ser retirado à força de um auditório por índios que exigiam a sua saída da instituição.

Ontem, Gaiger disse que "acabou meu tempo de produzir milagres à custa de muito sacrifício pessoal. Não há altruísmo que sustente uma posição que, nas atuais circunstâncias, se aproxima perigosamente de inaceitável messianismo". Geiger fez questão de poupar das críticas o ministro da Justiça, Íris Rezende, a quem entregou a carta de demissão. Disse que Íris assumiu "sem entender de índio e teve pouco tempo para fazer alguma coisa, mesmo porque não recebeu qualquer recomendação em relação à Funai". Geiger já vinha sendo frito há pelo menos três meses. Quando Íris assumiu, em junho, convidou o jornalista e ambientalista Washington Novaes para a presidência da Funai, mas ele recusou e indicou o sertanista Sidney Possuelo. Este chegou a ser convidado, mas seu nome foi rejeitado pelo Palácio do Planalto, por pressão da bancada da Amazônia, principalmente do senador Romero Jucá (PFL-RR).

Gaiger fez acusações graves aos xavantes, segundo informou a agência O Globo: disse que o interesse deles é continuar tendo acesso à "fantástica hemorragia de dinheiro público", na forma de benesses ilegais, como ajudas de custo, diárias de viagem e outros tipos de auxílio. Segundo ele, em junho os xavantes apresentaram uma fatura de R\$ 45 mil a Íris, que não foi paga. "Eles querem no cargo pessoas que vão ceder e permitir o retorno à imoralidade", disse.